As treze
Baladas
Das mãos frias

CANCÕES

Pedro De Menezes



Ao grande Poeta Transodo Pessoa, Com sumita admic vaçar e extrica, of

Fordurery

755

AS TREZE BALADAS DAS MÃOS FRIAS

DO MESMO AUTOR

RIMAS DA NOITE E DA TRISTEZA — 1913 DISTANCIA — 1914 ELOGIO DA PAISAGEM — 1915 AS TREZE BALADAS DAS MÃOS FRIAS — 1916

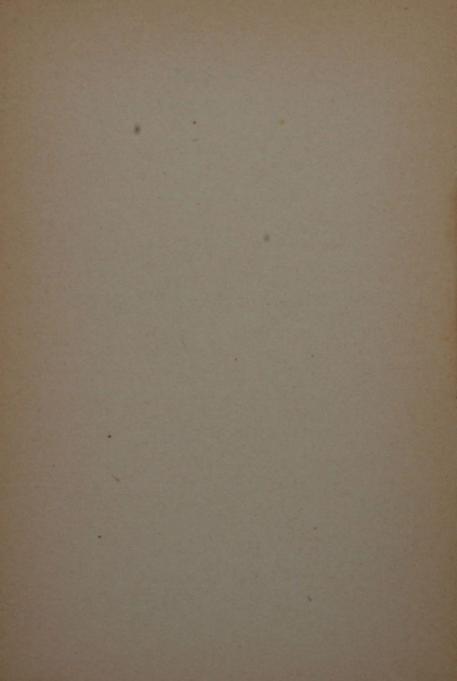
A SAIR:

MAIS ALTO
ANFORA, sonetos

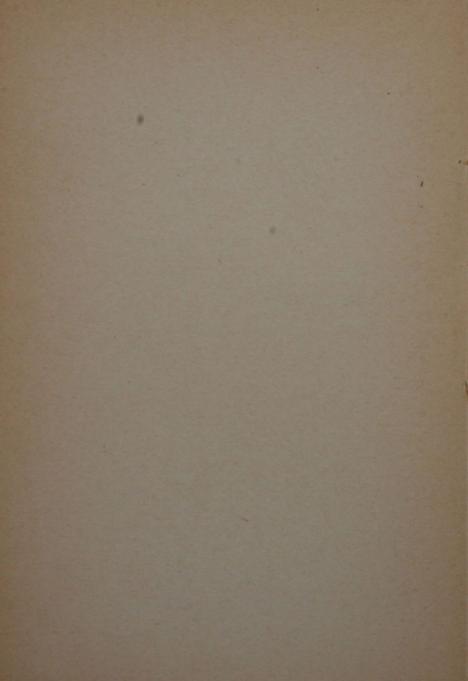
As treze
Baladas
Das mãos frias

CANÇÕES

Pedro De Menezes



Balada Das mãos frias

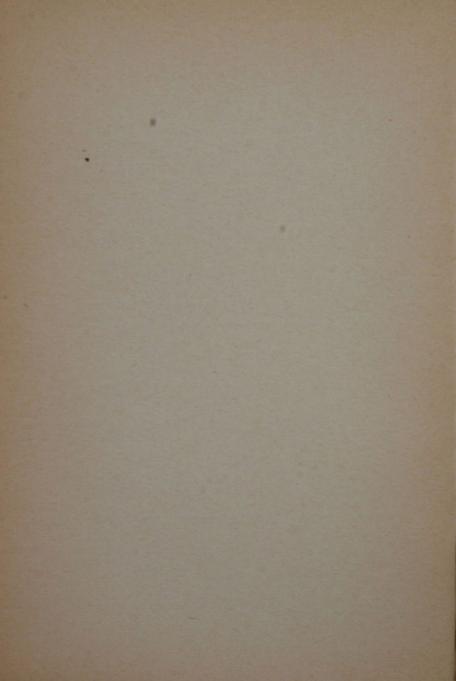


Sombras de palma. Mãos frias. Escudos velhos de outono. Ecos de outras melodias A arrulharem o meu sono. Menina das mãos esguias.

Os seus dedos sempre presos Nos meus dedos alongados. Seus olhos, círios acesos Dentro de cofres fechados... Senhora dos dedos presos.

Sinto os seus passos trementes Noutras mesquitas, em Fez... Suas mãos, monjas ausentes, São as mãos de D. Inês... Princesa das mãos doentes. De vidro é meu coração. Guarda-o bem na tua mão, Porque se um descuido houvera Podia cair no chão... Rainha das mãos de cera.

Essas mãos sempre santinhas São mariposas que vi Sôbre mãos de outras rainhas. Ando no mundo por ti, Infanta das mãos velhinhas... Balada Das naus paradas



Partiram as naus um dia E nunca mais regressaram... Dentro delas quem iria? A que portos aportaram?

Só vejo a tua presença Assentada no jardim. Minha Alma dormindo pensa Que inda está ao pé de mim.

E eu fui nessas naus que um dia Partiram e não voltaram... Meu Deus, quem me levaria?

Dentro de mim choro e esmolo. Os braços que me embalaram Já trouxeram Deus ao colo. P'ra que minha Alma adormeça Tua presença é o lenço Que traz de noite, à cabeça, A pastorinha em que penso.

Oiço a pastora a chorar. E nesse lenço pintadas, Eu vejo naus afastadas Sempre paradas no mar.

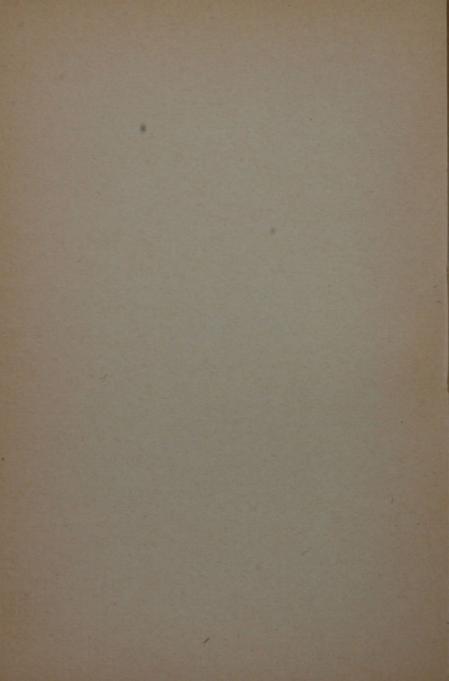
E meus olhos que as pintaram, Ao vê-las assim paradas, Preguntam em voz baixinha

Se essas naus que me levaram Serão as que estão pintadas No lenço da pastorinha. Meus sentidos sempre quedos Scismam ruídos de rios... E as naus são meus dedos frios Sempre presos nos teus dedos.

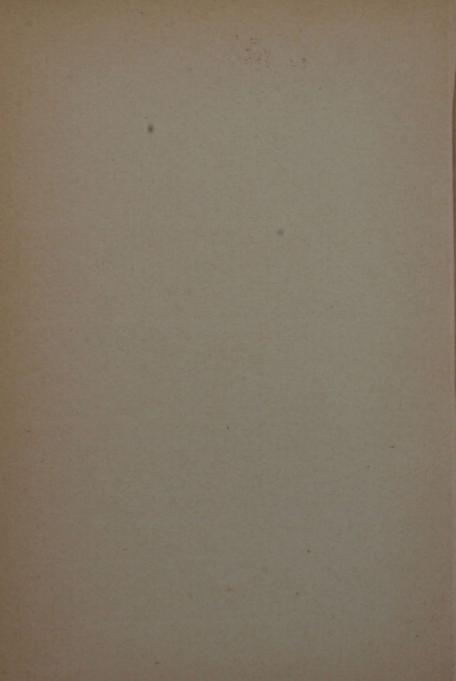
E assim no longe, paradas, São frisos que uma ceguinha Viu em paredes bordadas... São tua boca na minha.

São canções que me cantaram. P'ra meus olhos as sentirem Tomaram forma, no mar...

São horas que já passaram, Que com pena de partirem Sonham que inda hão-de voltar...



Balada Das horas velhas



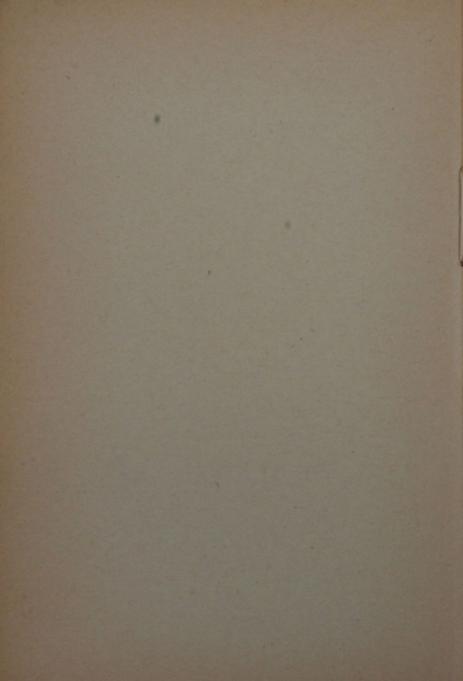
Olho. Passa na alameda Tua Alma de mãos erguidas De tarde, a rezar por mim. E entre camélias vencidas Tuas rezas são de seda, Teus pedidos de marfim.

E no teu passar acordam Os lírios estremunhados P'ra beijar os dedos teus... E ao ver os lírios, recordam Rôlhas de frascos cansados De guardar perfume-Deus.

Deus te abençoe nos lírios E te conduza entre círios Ao jardim do meu Sonhar. Que os lírios num gesto exangue Sei que são gotas de sangue Que perdeu Jesus-Luar. E eu sinto que rezam côr Os lábios da minha Dôr... Côr, religião dos olhos. Desmaia a tarde, envelhece. É quando a côr endoidece E quer fugir p'ra os teus olhos.

É quando sonho de ver-te. É quando meu coração Te lembra a forma morena Dum boneco que em pequena Deixaste cair no chão E se quebrou de perder-te.

É quando os montes são quietos, Quando não há quem se afoite Com mêdo de encontrar Deus. É quando os lábios são pretos, Deus só se sente na Noite E é Noite só para Deus! Balada Da cruz



Meus olhos estão a rezar. E pensam ver em Jesus Uma gota de Luar A escorregar pela cruz.

Fala Jesus moribundo:

«Negros braços. Preso neles. Julgo ainda ouvir meus passos. Que duros são estes braços, Minha Mãe, tira-Me deles!

Já deixa-los não consigo. São como sombras que incenso. Prendem-me tanto, que penso Que querem fugir comigo.

As minhas mãos são alfombras, São alfombras dos meus dedos. São dos meus braços as sombras, Lírios mortos de segredos. Eu sinto as minhas mãos rotas. Tomaram côr das amoras... E os meus dedos são só gotas... Gotas de sangue das Horas.

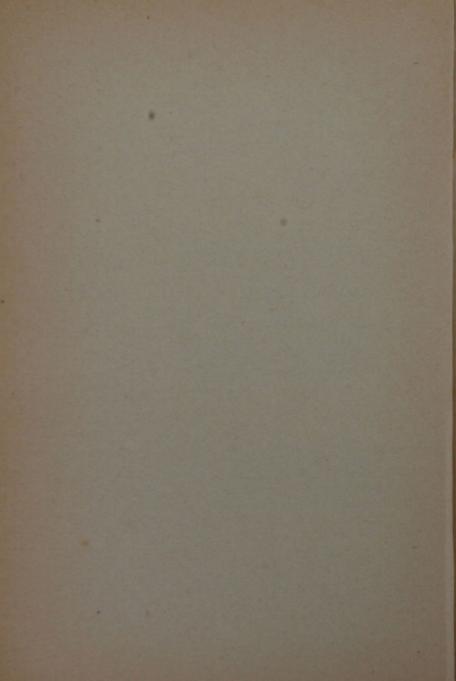
Minha Ansia é minha filha. Já presinto a minha Morte. O meu cabelo é mantilha Do perfil da minha Morte.

Sinto os meus olhos já velhos. Vejo imagens de marfim... Vejo o Dia de joelhos A rezar ao pé de mim.

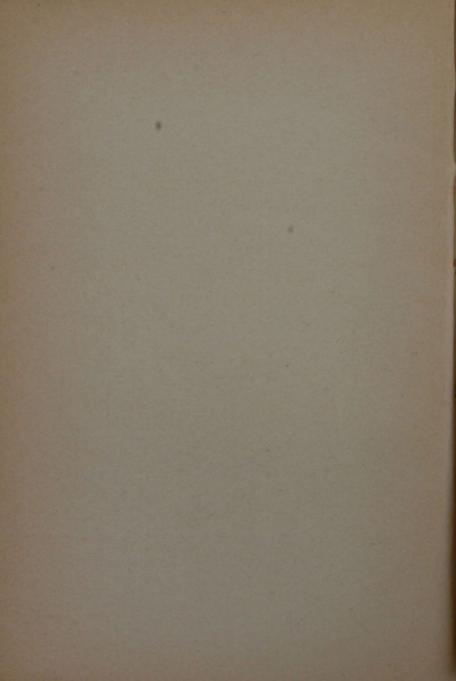
A Dôr dentro em mim se acalma. Esta chaga do meu peito E boca da minha Alma Que me rasgaram no peito. Quando minha Alma adormeça Calará para escutar... O meu curvar a cabeça E minha Mãe a chorar.

Longos braços. Preso neles. Ai, já não sinto os meus passos. Que brandos são estes braços, Minha Mãe, vou dormir neles.»

Dormem meus olhos tambêm. E quási a morrer, Jesus Sonha pregado na cruz Que está nos braços da Mãe!



Balada Das aias cegas



Cegou a Senhora Infanta. Como somos suas aias Quizemos tambêm cegar.

Cegou a Senhora Infanta. Nós próprias somos as saias Que ela nos mandou bordar.

Um dia o noivo afastou-se E nunca mais regressou. Não mais o viu. Desgostou-se. Pôz-se a chorar e cegou.

Descobrimos-lhe um segrêdo. Soubemos que tinha mêdo Que êle um dia regressasse E que por mais que chorasse Não mais o pudesse ver. Tinha ciumes de nós, Ciumes de olhos não ter...

Receiava que voltando Se enamorasse de nós...

Ela seguia chorando, E assim por tão triste vê-la Nós p'ra sermos como ela Quizemos cegar tambêm...

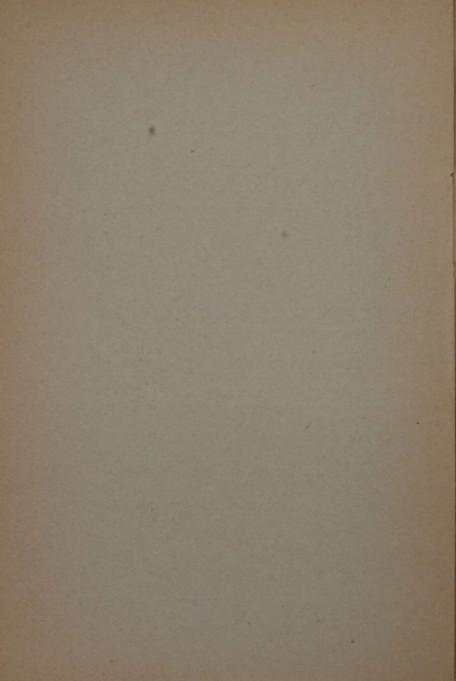
Nunca mais voltou ninguêm. Nossos corações velhinhos Orfãos de beijos pagãos Andam de luto na escola...

Os nossos dedos ceguinhos Andam a pedir esmola A' porta das nossas mãos. Nossos sentidos dispersos, Esquecidos, assustados, Rezam milagres divinos...

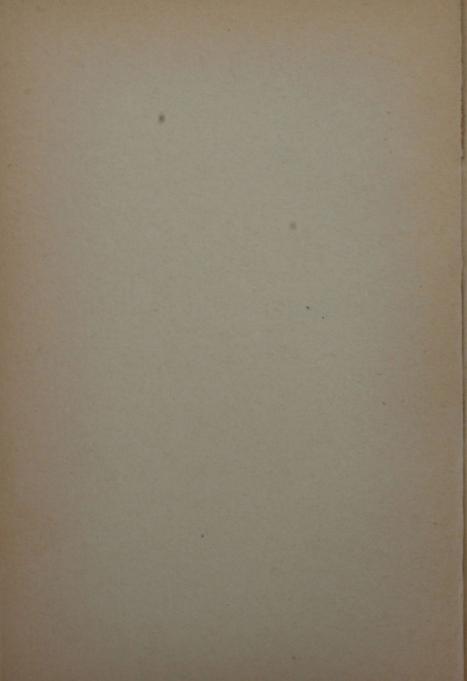
Nossas pálpebras são berços, Dos quais os olhos, meninos, Foram de noite roubados.

Pobre da Senhora Infanta, Anda com cinzentas saias Por mãos de Outono tecidas...

E nós já não somos aias... Somos lagrimas caídas Dos olhos da nossa Infanta.



Balada De Portugal



Portugal é um menino
Que Deus sentou no joelho
Para com êle brincar.
É a sombra dum espelho
Debruçado sôbre o mar.
Veem junto dele as ondas
P'ra se poderem pentear.
Portugal é um menino.
Enamorou-se das ondas
E elas querem-no levar...

Portugal, uma bandeira Dum país desconhecido, A sombra duma palmeira Num jardim adormecido... É um galeão cansado Que anda à procura de terra, É um estojo fechado Que ninguêm sabe o que encerra.

É a voz duma mulher Que por detraz duma porta Pregunta sempre: «Quem é?»

Anel, que na noite morta Caiu, sem ela o saber, Dos dedos de Salomé. Portugal é um menino.

E como é um menino

E não sabe o que fazer,

O Sol antes de morrer

Põe-se no longe a espreitar.

Não vá êle pôr-se a correr

E vir a cair no mar.

E como é um menino

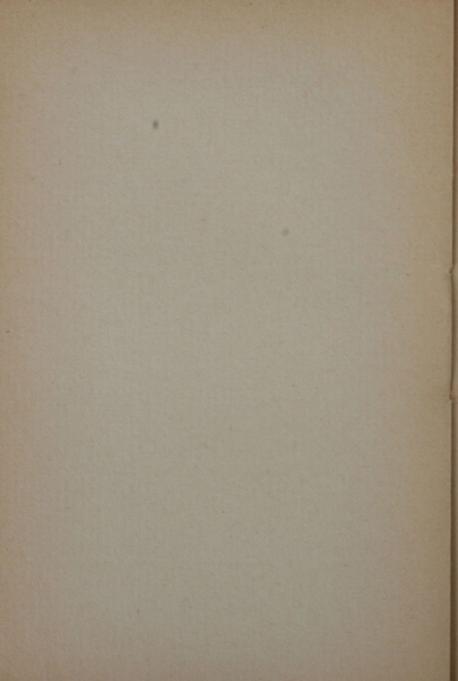
Quando o não deixam correr

As vezes põe-se a chorar...

Portugal, rajá doente. Mãos sôbre o meu coração. El-rei D. Sebastião Passando pelo Poente. E Deus quer-lhe na verdade... Filho bastardo de Deus. Lapis com que à tarde Deus Escreve a palavra: Saudade.

Colcha estendida à janela. Sombra duma caravela Lá para as bandas de Ofir.

Uma rainha a scismar. Um presente do Luar. Vitral de Alcácer-Kibir! Balada Da tristeza



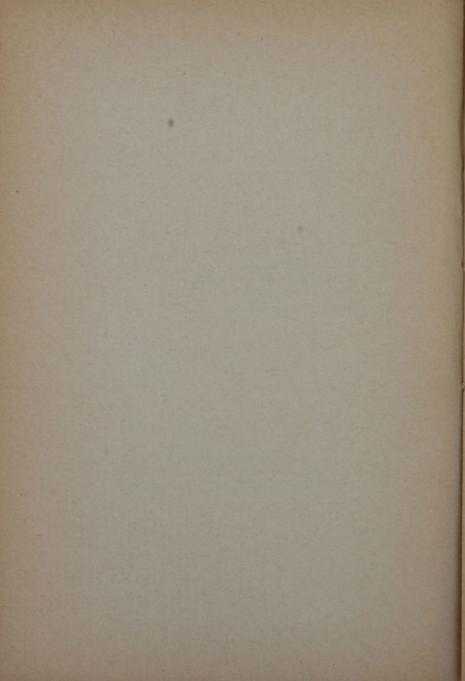
O meu coração está exposto Na capela dum afago Doentinho de desgosto... E os cisnes brancos no lago São tuas mãos no meu rosto.

E lá andam cisnes velhos, Cisnes velhos desmaiados, Sôbre as aguas de joelhos... Cisnes de loiça, quebrados, Poisados sôbre os espelhos.

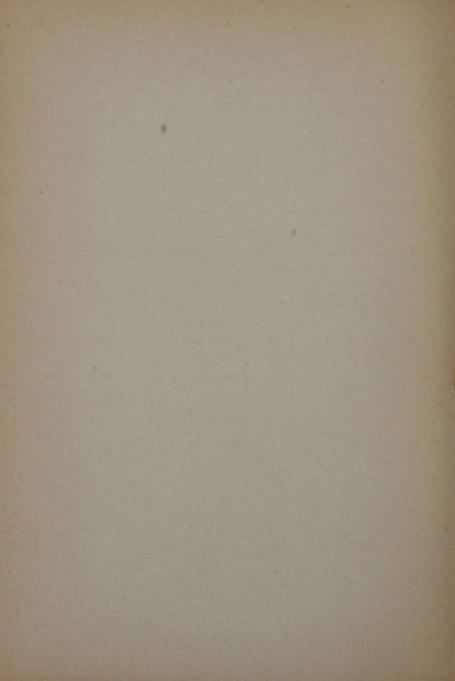
Oiço-te entre os arvoredos. Os teus dedos em arcadas São pontes sôbre segredos. Irmãos gêmeos dos das fadas, A fadarem os meus dedos. Sombras doutras tantas mortes. Sonham com filhas de reis P'ra serem suas consortes... As tuas mãos são papeis Onde os dedos são recortes.

Quando te quero chamar Os meus gritos se desfazem. Ecos, mãos postas a orar, As sombras que os gritos fazem Quando passam no luar.

Pela tua sombra choro. Nunca te posso esquecer. Nos teus lábios me demoro. Apesar de te não ver Dentro dos teus olhos moro. Sei que o teu olhar voou E me deixou ficar só. Meu Deus, já não sei quem sou. Meu coração é um nó Que ninguêm mais desatou.



Balada Da saudade



Velha iluminação A' veneziana em volta da capela.

Nenhum porto... Nenhuma nau. Nem sombra duma vela.

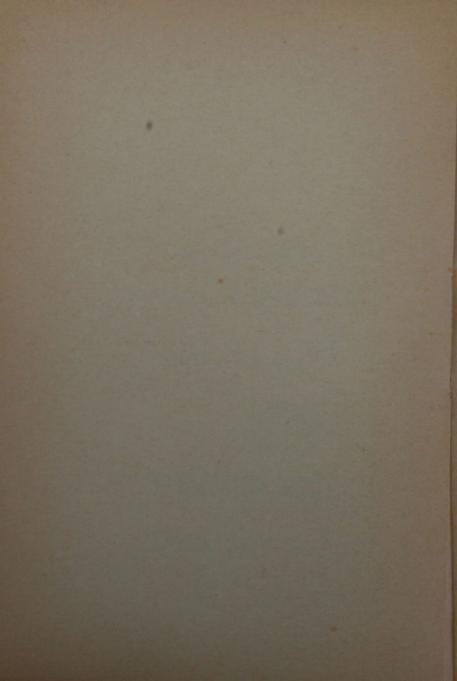
Canção... Vaga oração Que rezam numa ilha do Mar-Morto.

Cheguei.

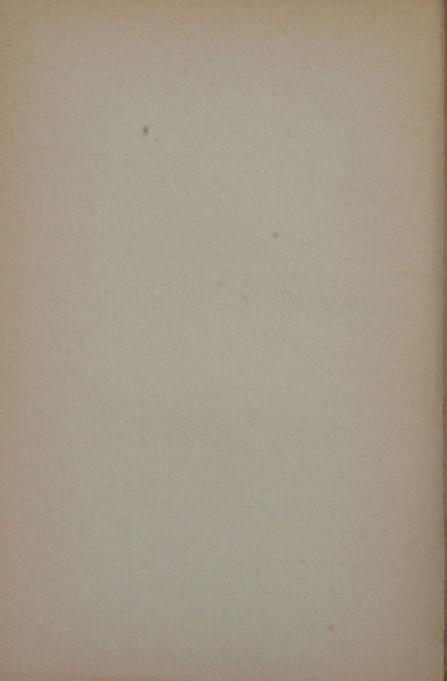
Lá está o palácio
Onde dormia o rei...
A sombra do palácio...
As tôrres do palácio...

Tudo o que existe em mim é meu império. Ajoelho em teus olhos de mistério E a êles me confesso.

Levas um chale em volta do mistério... A Saudade é o chale do avesso!..



Balada De Salomé

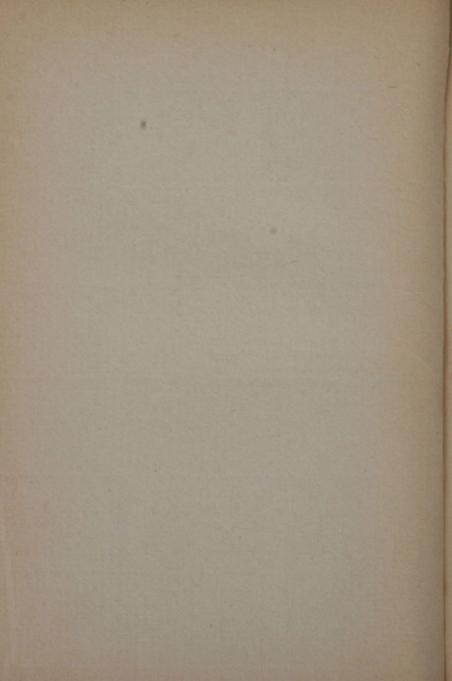


Meus bailados endoidecem,
Adormecem,
São riscos, que os meus sentidos
Com tules de ânsia vestidos,
Traçam no ar...
Endoidecem...
Plumas que caem no mar...

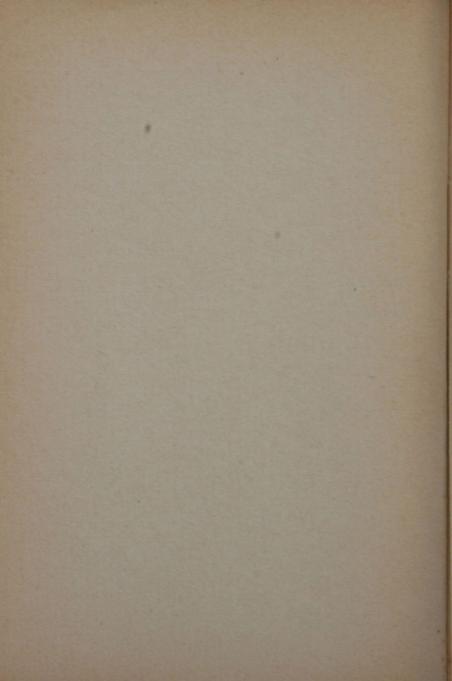
Ando ao redor do meu Corpo, Triste, exangue... Sou uma bruma de mim... Sou uma gota de sangue Numa espada de marfim... Dedos de silêncios velhos... Breves sombras do meu Corpo A dançarem nos espelhos.

Meus olhos, portas abertas E desertas, Portas p'ra jardins pagãos... Leves repuxos de côres... São conventos profanados Onde morreu uma freira... E são palcos minhas mãos, Onde meus dedos-atores Andam cantando bailados Duma outra bailadeira...

Minha sombra, voz que escuto Numa sala dum castelo. Sonho de Mim. Meu cabelo, Caudas de faisões de luto Em parques de outros Orientes... O meu Corpo, um girasol Virando a todo o momento Para o Sol Dos meus sentidos doentes. Sou o talisman dum mago. E são meus olhos inquietos, Muito pretos, Cabeças dentro de pratos... Sou silêncios debruçados, Gritos de mim, ecos, tudo .. Os meus bailados são patos Ao longe, junto dum lago, Laços de sangue, pintados Num pescoço de veludo...



Balada Da morta



Calou-se meu coração. Sou de minha Alma um recorte. É um berço o meu caixão, O berço da minha morte.

Os dedos de minha Mãe Minhas pálpebras cerraram. Meus olhos que se apagaram Vão em dois caixões tambêm.

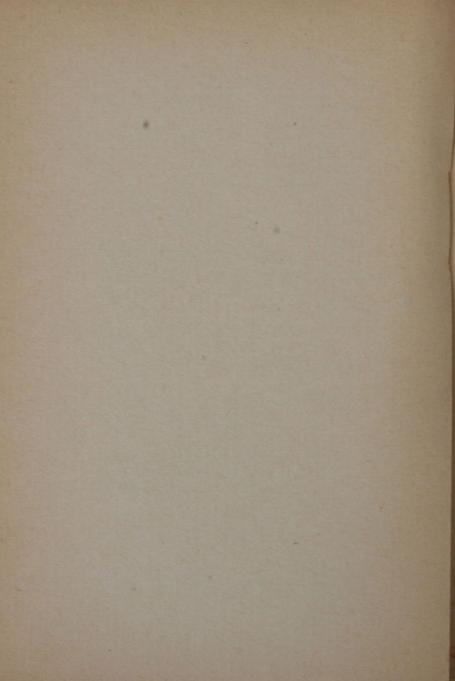
Ao meu redor, cinco tochas, Bruxoleantes e roxas... Cinco tochas, meus sentidos.

Sou da côr delas. Arderam. Sou a tocha onde acenderam Meus cabelos esparzidos. Puzeram rosas doentes Nas minhas mãos desmaiadas. Meus lábios, foram Poentes. Meus dedos, fitas frisadas.

As minhas unhas de neve Janelas que se fecharam. Nos sonhos que me embalaram Inda o meu nome se escreve.

O meu passado me ensombra. A minha infância foi cama Onde nasci esquecida...

Minha mãe é minha sombra. A vida foi minha ama, A morte, avental da vida. BALADA DE SATAN



Passo a minha vida inteira A sonhar no que passou. Quem seria a feiticeira Que minha Alma enfeitiçou?

Pela minha sombra espero Nos meus olhos de setim. Todas as noivas que quero Se afastam sempre de mim.

II

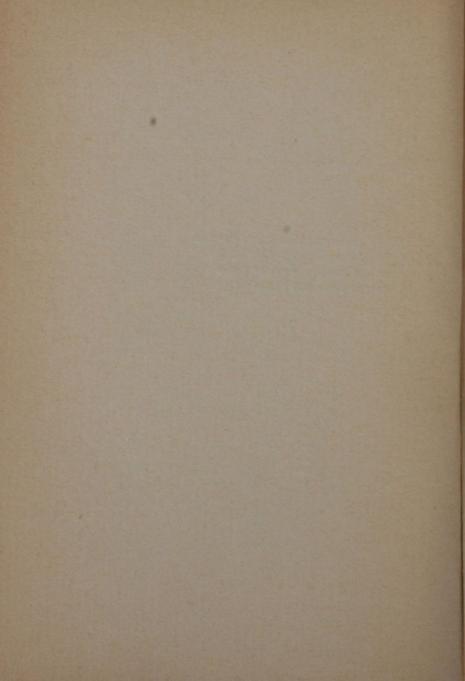
Meus gritos velhos, pagãos, Dormem ecos apagados. Meus beijos, lírios mirrados No jardim de negras mãos. Meu ser a planície calma Onde o meu Sonho reside. Meu coração, o cabide Onde penduro minha Alma

Meus lábios cansadas molas Apertando as minhas falas Dentro de doiradas malas...

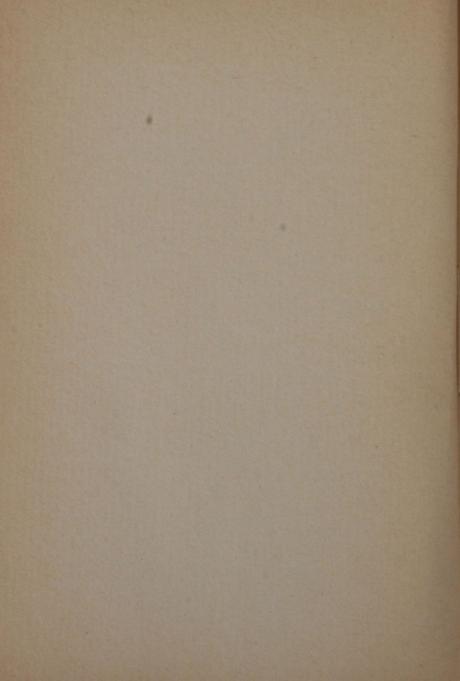
As minhas mãos são argolas Onde enfiaram meus dedos Que são chaves de segredos.

III

Quero ser Alma voando E em vôos me envolvo e teimo Alcançar Deus. E chorando Minhas brandas asas queimo. Ando em busca dos meus passos Que estão cobertos com véus. Abro os braços p'ra ser Deus E a cruz foge dos meus braços.



BALADA DO LUAR



Lembra-me a Lua, vendo-a de dia, Uma das bolas De sabão Que Deus fazia Quando era pequenino, p'lo sol-posto.

Uma das golas Que uma rainha rasgou Para encobrir o rosto Quando seu chôro ardia em oração.

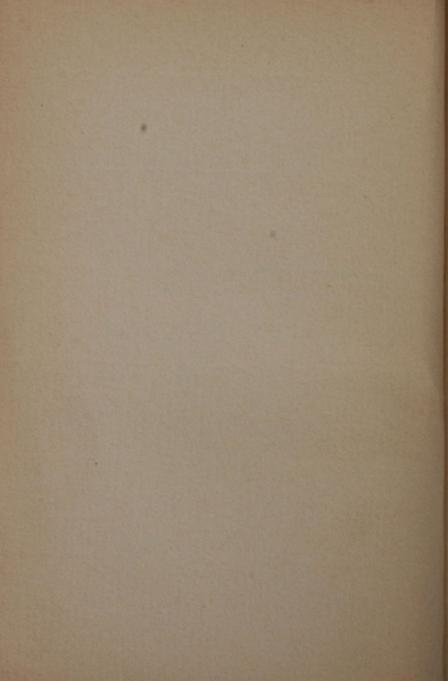
Uma lenda que um dia me contaram. Um Sonho que levaram Do que sou, P'ra a minha antiguidade. Rudizio do moinho da Saudade.

Uma janela aberta, Numa casa que está sempre deserta, Com luz no interior E onde nem passa o hálito duma flor. Luar...
Ruído dos meus passos quando hesito.
Jardim que vai morrendo
E onde não há quem se afoite.

Um palhaço a gritar A' porta da barraca da Noite Na feira do Infinito, Dizendo Que ela vai principiar.

Uma escova prateada Com que escovo meu Ser sempre tristonho.

E' o corrimão da escada Por onde sobe o meu Sonho! A ÚLTIMA BALADA



Minhas baladas, princesas Que deitei no teu regaço. Lâmpadas dantes acesas Nas salas nobres do paço Onde deixei as princesas.

Palácio, cujas janelas Todas davam para o mar. Tuas mãos, longe, eram velas Que me vinham procurar No meu silêncio de vê-las.

E eu via-te ao pé de mim. Via a sombra de teus braços Confundida com marfim, E o ruído de teus passos Era luar no jardim.

Se passavas na alameda Por onde às vezes divago E onde o meu sonho se enreda, Tua ternura era um lago Numa paisagem de seda. Tua sombra, antiguidade. O teu olhar tão suave Tinha a côr da ansiedade. O teu perfil era a chave Com que fechei a saudade.

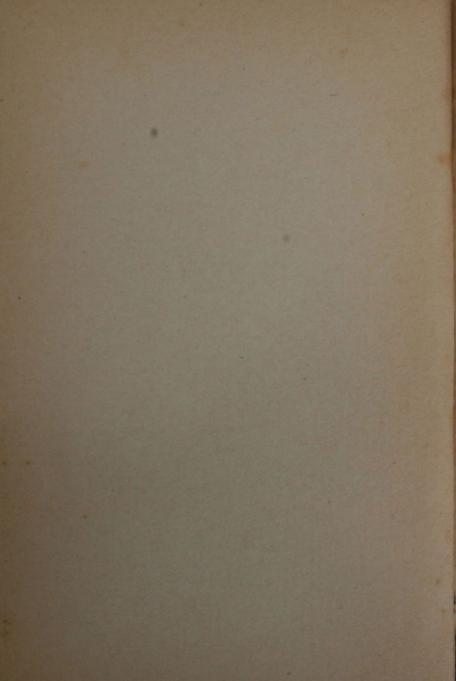
E se me quero lembrar De mim, vaga sombra fria, Ponho-me então a chorar, Lembro que em pequeno, um dia, Me foram lançar ao mar.

E alguêm me deu seus carinhos, Alguêm me deixou esquecido Nos seus olhos mirradinhos... Eu sei que fui recolhido Por pescadores céguinhos.

Olhei p'ra mim. Esqueci-me. E os meus olhos que me viram, Então comigo fugiram. Os pescadores partiram. Fiquei na praia e perdi-me. Vi-me só ante a paisagem. Só, a rezar como um monge, E os casais entre a folhagem... Os casais brancos, no longe, São sentidos da paisagem.

Andei por palácios velhos. Meus dedos na sala ungiram-se Doutros poentes vermelhos. Diante de mim via espelhos. Olhei p'ra eles, partiram-se...

Sinto meus olhos ausentes. Nos espelhos, apagadas, Vejo imagens degoladas... Sou pagem de infantas doentes, Pagem das minhas baladas.







1016

LIVRARIA BRAZILEIRA

Monteiro & C.*

190, Rua do Ouro, 192

- LISBO.